

AS TANTAS DORES DE TIA FATINHA

Sinistra fora a hora em que decidiu visitar Tia Maria de Fátima. Tantas e malditas e inglórias e malfadadas decisões nos arrependemos de tomar ao longo da vida. O acaso de uma visita, a proferição de uma palavra a mais, a passagem por uma estrada errática, a avaliação injusta de um problema. O homem é senhor do que cala, e escravo do que fala, já ouvira tantas vezes antes de pessoas mais sábias. No entanto, não teria sido capaz de aplicar sua teoria na prática, nem prática na teoria, como lhe lembrou um amigo, já conhecer das tantas dores de Tia Fatinha?

Há muito o Dito não ia à casa da tia, e ela já lhe cobrara de outros carnavais tal atenção e cuidado. Afinal, estava o Geraldo ali de férias, pela província em que cresceu. Andando à toa entre os becos e passeios (é assim que eles chamam as calçadas no interior de Minas) e ruelas que tanto conhecera. Passando pra lá e pra cá sob sua janela. Dito, como era conhecido na família, batera então à porta da casa da tia tão próxima no centro da cidade. Subira com total desenvoltura as escadas de cerâmicas quebradas que tanto frequentara na infância. A mesma geografia de espaços curtos que na memória lhe pareciam muito maior. Enfim, buscava resquícius e sinais de um convivência estreita de toda uma vida. Buscava talvez revolver, encontrar, uma inocência perdida de quem fora criado naquele lugar.

Bateu à porta, entrou, ela ainda de rolinhos à cabeça, o atendeu com simpatia e surpresa. A conversa transcorria longa e amena, perguntava-se sobre o destino de pessoas comuns, a política local, observando as coisas da casa, falou da saudade que ele tinha às vezes do tio e padrinho que lhe fora tão próximo. Amenidades. Era visível que do marido falecido que ela tanto amara e, mesmo passados quase vinte anos de sua morte, ainda não havia se recuperado do luto. A angústia ainda não cicatrizara. Nem mesmo tudo que envolvia a existência da vida do casal. Seus bens, as pessoas eleitas que lhe deram

atenção. Marido e mulher viviam um para o outro. Gostavam das festas em família, de viajar, do casal sem filhos tinha o varão adoração pelos sobrinhos biológicos.

As lembranças tomavam sempre, e de modo ambíguo, a Dito quando retornava a Oliveira Costa. Retornar sempre lhe deixava um sentimento de saudosismo, de paz da origem, mas também de confusão, de medo, de certa repulsa. Era estranho. Ele lembrara daquele axioma que um circunstante certa vez lhe contara, que seria repetido e muito popular China. Era que nunca devíamos voltar nos lugares onde fomos felizes. Poê quê? Os lugares mudam, as pessoas se transformam, coisas morrem, ou não existem mais. Mas na memória tudo está por vezes construído em bons momentos. Aí a decepção pode ser grande. Era um pouco isso o que sentia o Dito. Mas assumiu o dever de ofício.

Maldita fora a hora em que o Dito subira as escadas para visitar Tia Fatinha.

Em certo ponto da conversa ela dizia do agradecimento que devia a tantas pessoas que lhe devotavam atenção, afeto, amizade verdadeira. Parentes, sobrinhos por afinidade, e amigos próximos. Contou passagens dessa gratidão e como eram eles e elas agradecidas pelo que a Tia recentemente fizera por eles: uma doação importante de lotes de seu patrimônio.

- Enquanto você, Dito, pelo que você recebeu nem veio aqui me agradecer.

Dito assustou-se:

- Tia? Não diga isso... Moro fora, mas das vezes em que aqui eu vim, uma visita em sua casa foi só para lhe agradecer.

Ela redarguia: não, não, não, não veio.

A seguir desfiou um rosário de fatos, tangenciando a impressão de que pessoa específica da família tinha sido desonesta com ela, e o quanto seu marido tinha sido injustiçado em vida, com reflexo na herança e bens determinados que ela recebera. Citou fatos de 70 anos atrás em que teria havido acontecimentos censuráveis na divisão de bens de família. Reclamou, de novo, atenção e amor, melhor consideração.

Enquanto enaltecia alguns, com profunda gratidão, atacava outros que não seriam devidamente gratos por sua consideração.

Tia, a vida da gente é como um carro seguindo uma trilha em uma estrada à noite. O farol do carro ilumina só pra onde está mirado. Nossa luz é jogada para tal realidade vista. O lados e partes escuras permanecem obscuros mas, de fato, ainda estão lá. Outros carros na estrada e bifurcações iluminam também só para onde apontam. Cada um vê a realidade segundo seu farol, ou fatos que lhe foram passados durante toda uma vida. Sem contestação alguma.

O que mais derrubou Dito foi perceber depois que se rendeu a um diálogo de surdos, que só serviu para produção de mais loucura (inclusive a própria) e intriga. Ela nunca entenderia essa metáfora que fora colocada em certo ponto da conversa. Dito percebera isso só depois.

Em certo ponto ela levantou-se e mostrou um imóvel vizinho abandonado pela cunhada. Estava entregue ao lixo.

Dito teve a doce ilusão de que, mesmo em assuntos de família e reclamações, poderia dar posição racional, justo ele que fizera mestrado, doutorado, lia tanto, estudava filosofia e psicanálise, dava tanto valor ao estudo, não soubera lidar com uma pessoa profundamente doente, embora muito próxima.

Estamos todos doentes, como diria Nietzsche. Ou como cantou Caetano Veloso, de perto ninguém é normal. Dito rendeu-se àquele diálogo enquanto deveria talvez ter se levantado e ido embora quando começaram as comparações e reclamações. Sócrates, no momento crucial de sua morte, antes de beber a cicuta, teria bradado ao discípulo Críton, que chorava, que não se esquecesse da dívida: deviam um galo a Asclépio. Este era o Deus da Medicina. Permanece um enigma o que Sócrates evoca ao prestar homenagens ao famoso curandeiro, que curava tantas doenças impossíveis. Estavam todos doentes em sua visão da verdade? Por que lembrar disso em seu momento de morte? A evocação de uma entidade que se incube de curar os doentes?

Depois, com a advinda imagem de Sócrates, o fato é que Geraldo ainda se lembrou que alguém lhe explicara acerca da origem grega da palavra diálogo. O *dia* seria a interlocução “através de”, o *logos* teria um sentido de conhecimento, narrativa, palavra. Através da palavra. Mas quer dizer então que se uma parte não tem conhecimento, um saber verdadeiro, é impossível o diálogo? É possível conversar com um louco ou uma pessoa profundamente adoecida? Talvez sim, talvez não.

No instante Dito sentiu-se pequeno, demasiadamente pequeno. E talvez o fosse mesmo. O pior dos seres. Mas não na proporção que imaginara. Nunca estabelecera um diálogo assim com pessoa tão próxima, colocando fatos, defendendo-se, com ninguém da família. Descendo, ao seu sentir, a descrição de episódios tão miúdos, inglórios, de pequenez infundada. Geraldo havia se rendido à pior das armadilhas: falar sobre pessoas, seus juízos e ações.

Mas Tia Fatinha, já tomada um pouco de revolta, continuava o rosário. Como alguém rezando o terço a Deuses que nunca socorrem. A casa, o lote, a loja, a herança, a partilha, a falta de agradecimento, o pedaço

da laje, o desamor. Um ressentimento incurável. Essas temáticas que dominam as Varas de Família e são eternas disputas por reconhecimento, bens, dinheiro e poder. Conflitos minúsculos que só são vencidos com a própria morte física ou mental, dado que alimentam-se de si próprios. Formam-se como uma materialização da medida da culpa, da solidão, do tempo perdido, das memórias ruins.

Mas Dito olhou para si e se viu um ser esquelético. Teria profanado a memória de um morto, por algo que disse? Teria ofendido a honra das pessoas que ele mais ama na vida e que ainda lhe são tão próximas? Teria que ter tido a sabedoria - que tantos outros têm - de não se render a um diálogo insano com a Tia, que certamente vive uma vida solitária e cheia de medos? Enfim, alguém digna de profunda pena?

O Geraldo se viu tomado por pensamentos fixos e uma forte dor no peito por dias seguidos. Lembrou-se que o casal de tios, que não tivera filhos, sempre lhe dissera da importância dos rebentos na vida das pessoas. Em certo momento são os filhos que cotidianamente nos educam. Dito talvez tivesse, ali, como nunca o fizera, mesmo que de forma inconsciente, e na pulsão de se defender, assumido o papel de filho. Um filho já velho e calejado pelas intempéries da vida.

Talvez tivesse falado coisas simples, de um histórico de vida que procurava retratar a relação de duas pessoas (dois irmãos) muito unidas, em que um, mesmo tendo uma relação de pai, jamais tivera a coragem de lhe chamar atenção por qualquer coisa que fosse. Por mais grave e constrangedora que tivesse acontecido. Geraldo relatou acontecimentos insignificantes, que só ele recordava, que vivera dessa relação entre o pai e o tio. Mas foram o gatilho para a revolta de uma pessoa ressentida, e certamente foram duras de serem ouvidas.

- Mãe (Tia), pare de falar tanta asneira, a senhora está doente. Pai? Tais posições que vem tomando são insanas. Deixe de ser tão teimoso. Tão vaidoso. Você é falível como tantos outros e precisa reconhecer isso. Tem falhado todos os dias. Com noventa anos temos que reconhecer que nosso juízo das coisas já não é total. Mas não adianta. O pai quer manter seu poder. Ou não é ninguém. Ou já morrerá.

Mas uma tia solitária, cheios de pânico e personalidade ofendida, presa a sentimentos tão voláteis, não se faz possível um diálogo concreto. Dito, na hora, preso à mesma pulsão, não tivera a grandeza de perceber isso.

Não tivera a elevação que perseguia quando respondera a mensagens e áudios que ela mandava depois da conversa e, aos gritos, aludia que o Dito desonrou a figura de alguém que não estava ali para falar a verdade, que ali não estava para se defender e falar a verdade. A certas mensagens e palavras, em tempos de profusão de informação e facilidades de fala, não se responde, pensou. Só o silêncio. Pelo whatsapp Geraldo pediu desculpas se a ofendera alguma vez. As mensagens e áudios cheios de rancor cessaram. O “diálogo” acabou. Restou a memória desse acontecimento pequeno e raro.

Geraldo chegou a pensar na obra daquela neurocientista argentino-brasileira, Iván Izquierdo, que escrevera um livrinho sobre a arte de esquecer. A saúde mental só é completa se esquecemos de coisas. Se renovamos a memória com coisas melhores e que nos constroem. Apagamos o lixo que se instala num cérebro saturado de registros a cada minuto. De fato, lembrou Dito das palavras do médico: esquecemos para poder pensar, para não ficarmos loucos.

Tia Fatinha, ao descrever tantas lembranças que julgava ruins, justamente as que, segunda a própria fora prejudicada, e esquecido os gestos de amor e agradecimento, criou para si uma memória seletiva para o ressentimento. Alguma coisa remetia ao personagem de Borges: "Funes, o memorioso".

Depois de um acidente Irineu Funes se lembrava de tudo, cada detalhe das coisas. Mas ficou impossível para o próprio comparar e generalizar, enfim, pensar. Funes terminou louco de tanta memória. Maria de Fátima falava de coisas absurdas como um louco, e o sobrinho Geraldo entrou no diálogo como outro alienado, sujeitando-se àquela conversa calma nos instantes presentes, porém alucinada em suas consequências abstratas e pensamentos.